

Ano V, v.2 2025 | **submissão: 05/12/2025** | **aceito: 07/12/2025** | **publicação: 09/12/2025**

Planejamento financeiro em pequenas e médias empresas: práticas, desafios e contribuições de abordagens simplificadas

Financial planning in small and medium-sized enterprises: practices, challenges, and contributions of simplified approaches

Marcus Vinícius Resende de Oliveira

Resumo

As pequenas e médias empresas (PME) são responsáveis por parcela relevante do emprego e da renda nas economias em desenvolvimento, mas apresentam altos índices de mortalidade associados, entre outros fatores, à fragilidade da gestão econômico-financeira e à ausência de planejamento sistemático de caixa e resultados (FREITAS et al., 2022; SANTOS; LIMA, 2018; OLIVEIRA et al., 2019). Este artigo tem por objetivo analisar práticas e desafios do planejamento financeiro em PME, discutindo em que medida abordagens simplificadas podem contribuir para qualificar decisões, mitigar riscos de liquidez e apoiar a continuidade dos negócios. Metodologicamente, realiza-se uma revisão narrativa da literatura nacional recente sobre gestão e planejamento financeiro em micro, pequenas e médias empresas, com ênfase em estudos que propõem ferramentas de baixo custo e baixa complexidade operacional (MARQUES, 2008; LOBATO; SANTOS, 2023; TAVARES; SILVA; SILVA, 2023; COSTA; CRUZ; ALVES, 2023). Os resultados sugerem que, embora o discurso sobre a importância do planejamento financeiro esteja consolidado, sua incorporação ao cotidiano das PME ainda é limitada por fatores como informalidade dos controles, confusão entre finanças pessoais e empresariais, baixa cultura contábil e restrições de tempo e qualificação gerencial. Nesse contexto, modelos simplificados de fluxo de caixa, orçamento e análise de indicadores – quando adaptados à realidade das PME – mostram-se viáveis para apoiar o controle da liquidez, a priorização de gastos, a avaliação de investimentos e a prevenção de crises de caixa. Conclui-se que as abordagens simplificadas não substituem sistemas contábeis completos, mas podem funcionar como “porta de entrada” para práticas mais estruturadas de gestão financeira.

Palavras-chave: planejamento financeiro; gestão financeira; pequenas e médias empresas; fluxo de caixa; indicadores financeiros.

Abstract

Small and medium-sized enterprises (SMEs) are responsible for a significant portion of employment and income in developing economies, but they have high mortality rates associated, among other factors, with weak economic and financial management and a lack of systematic cash flow and results planning (FREITAS et al., 2022; SANTOS; LIMA, 2018; OLIVEIRA et al., 2019). This article aims to analyze the practices and challenges of financial planning in SMEs, discussing to what extent simplified approaches can contribute to improving decision-making, mitigating liquidity risks, and supporting business continuity. Methodologically, a narrative review of recent national literature on financial management and planning in micro, small, and medium-sized enterprises (SMEs) is conducted, with an emphasis on studies that propose low-cost and low-complexity operational tools (MARQUES, 2008; LOBATO; SANTOS, 2023; TAVARES; SILVA; SILVA, 2023; COSTA; CRUZ; ALVES, 2023). The results suggest that, although the discourse on the importance of financial planning is consolidated, its incorporation into the daily operations of SMEs is still limited by factors such as informal controls, confusion between personal and business finances, low accounting culture, and time and managerial qualification constraints. In this context, simplified models of cash flow, budgeting, and indicator analysis – when adapted to the reality of SMEs – prove viable for supporting liquidity control, expense prioritization, investment evaluation, and prevention of cash flow crises. It is concluded that simplified approaches do not replace complete accounting systems, but can serve as a "gateway" to more structured financial management practices.

Keywords: financial planning; financial management; small and medium-sized enterprises; cash flow; financial indicators.

1. Introdução

As pequenas e médias empresas constituem um dos pilares da economia brasileira, tanto pelo número de estabelecimentos quanto pela capacidade de geração de empregos e renda. Estudos do SEBRAE (2023), mostram que as micro e pequenas empresas representam mais de 90% das empresas formais e são responsáveis por mais da metade dos empregos no país.

Apesar desse peso econômico, a literatura registra elevados índices de mortalidade precoce: grande número de negócios encerra suas atividades nos primeiros anos, deixando de contribuir para o Produto Interno Bruto (PIB) e para a base de empregos (CARDOSO et al, 2022). Revisões sistemáticas sobre mortalidade de PMEs identificam como causas recorrentes a falta de planejamento prévio, a ausência de gestão formal e a baixa capacitação profissional dos empreendedores (CARDOSO et al., 2022; RODRIGUES; MONSORES, 2022; OLIVEIRA et al., 2024).

Nesse cenário, o planejamento financeiro aparece simultaneamente como um dos principais gargalos e uma das principais oportunidades de melhoria. Dessa forma, no contexto das PME, o planejamento financeiro é entendido como o processo de projetar e acompanhar fluxos de entradas e saídas, resultados econômicos e necessidades de financiamento, de modo a sustentar a liquidez, a rentabilidade e a continuidade do negócio (PAPANDREA; MACHADO; SILVA, 2020; COSTA; CRUZ; ALVES, 2023). Entretanto, a literatura mostra que, na prática, a gestão financeira é frequentemente reduzida à observação pontual do saldo de caixa e ao atendimento imediato de compromissos de curto prazo, com pouco uso estratégico de demonstrações contábeis e indicadores (MONTEIRO; BARBOSA, 2017; NEVES FILHO, 2022).

Diante desse cenário, emerge a pergunta que orienta este artigo: como o planejamento financeiro é praticado nas pequenas e médias empresas e de que forma abordagens simplificadas podem contribuir para superar desafios recorrentes?

O objetivo geral é analisar práticas e desafios do planejamento financeiro em PMEs, discutindo criticamente o papel e o potencial das abordagens simplificadas. Especificamente, pretende-se:

- a) sistematizar contribuições teóricas e empíricas sobre gestão e planejamento financeiro em PMEs;
- b) identificar padrões recorrentes de práticas e dificuldades na adoção de instrumentos de planejamento;
- c) mapear propostas de abordagens simplificadas, discutindo seus limites e potencialidades;

O artigo está estruturado em cinco seções, além desta introdução: referencial teórico, procedimentos metodológicos, resultados e discussão (com ênfase nas práticas, desafios e abordagens simplificadas) e considerações finais.

2. Referencial teórico

2.1. Especificidades das pequenas e médias empresas

As PMEs diferenciam-se das grandes organizações não apenas pelo porte, mas também por estrutura organizacional enxuta, forte centralização decisória no proprietário e menor separação entre finanças pessoais e do negócio (LEONE, 2019; ADAMONIENE; ANDRIUSCENKA, 2007). Esse contexto contribui para relações informais, processos pouco sistematizados e uso reduzido de ferramentas de gestão.

No campo financeiro, estudos mostram que muitos micros e pequenos empresários não dominam conceitos básicos de demonstrações contábeis e de capital de giro, o que resulta em dificuldade para interpretar balanços, DRE e fluxos de caixa e, conseqüentemente, para planejar adequadamente as necessidades de recursos (FERREIRA et al., 2015; FONSECA et al., 2022). Em grande parte das PME, observa-se ainda forte dependência da percepção imediata do caixa como principal referência para a tomada de decisão, em detrimento da análise integrada de demonstrações contábeis e indicadores de liquidez e rentabilidade (MONTEIRO; BARBOSA, 2017; NEVES FILHO, 2022; COSTA; CRUZ; ALVES, 2023).

2.2. Planejamento financeiro e sobrevivência das PME

A literatura converge em apontar o planejamento e o controle financeiro como fatores críticos de sobrevivência para pequenas empresas (CUNHA; SOARES, 2017; FERRONATO, 2015; SANTOS; LIMA, 2018). Pesquisas descritivas em diferentes setores identificam que empresas que elaboram orçamentos, projeções de fluxo de caixa e acompanham indicadores de desempenho apresentam maior capacidade de antecipar problemas de liquidez, negociar prazos com fornecedores e planejar investimentos (BARADEL; MARTINS; OLIVEIRA, 2010; AZEVEDO; LEONE, 2011; RODRIGUES; MELO; LEONE, 2015).

Pereira et al. (2020), ao analisarem fatores determinantes do risco de liquidez em MPE, mostram que a falta de projeções de caixa e de políticas explícitas de prazo de recebimento/pagamento aumenta a exposição a insuficiências de capital de giro e à dependência de crédito de curto prazo.

Em linha semelhante, Ferreira et al. (2015) argumentam que a gestão estruturada do capital de giro – incluindo planejamento de estoques, prazos e fontes de financiamento – constitui condição para a sustentabilidade financeira de pequenos negócios.

Nesse sentido, o planejamento financeiro é frequentemente descrito como um “órgão vital” da empresa, pois integra informações de diversas demonstrações e apoia decisões de curto, médio e longo prazos (BAZZI, 2016; COSTA; CRUZ; ALVES, 2023).

Ano V, v.2 2025 | **submissão: 05/12/2025** | **aceito: 07/12/2025** | **publicação: 09/12/2025**

2.3. Instrumentos clássicos: orçamento, fluxo de caixa e capital de giro

Entre os instrumentos mais recorrentes na literatura e na prática destacam-se:

- **Orçamento (budget):** projeção estruturada de receitas, custos e despesas para um determinado período, servindo como guia e como parâmetro para controle de desempenho;
- **Fluxo de caixa (cash flow):** registro e projeção das entradas e saídas de caixa, essencial para garantir liquidez diária e evitar rupturas de pagamento;
- **Planejamento de capital de giro:** gestão dos prazos médios de recebimento, pagamento e rotação de estoques, de modo a minimizar a necessidade de financiamento de curto prazo.

Autores como Oliveira (2010) apontam que, quando adequadamente utilizados, esses instrumentos contribuem para:

- antecipar déficits de caixa e renegociar prazos;
- embasar decisões de investimento;
- definir políticas de crédito a clientes;
- apoiar a negociação de linhas de crédito junto a instituições financeiras.

2.4. Demonstrações contábeis, indicadores e fluxo de caixa

As demonstrações contábeis, especialmente Balanço Patrimonial, Demonstração do Resultado do Exercício (DRE) e Demonstração dos Fluxos de Caixa (DFC), reúnem informações essenciais sobre estrutura patrimonial, desempenho econômico e geração de caixa (GITMAN, 2018; ANDRICH et al., 2014). Costa, Cruz e Alves (2023) destacam que as demonstrações “por si só reúnem uma série de dados relevantes para a gestão na totalidade”, mas enfatizam que a utilização de indicadores financeiros é fundamental para transformar esses dados em cenários de decisão.

Indicadores de liquidez permitem avaliar a capacidade da empresa de honrar obrigações de curto e longo prazo – como liquidez corrente, seca, imediata e geral –, enquanto indicadores de rentabilidade e lucratividade medem o retorno dos investimentos e do patrimônio líquido (COSTA; CRUZ; ALVES, 2023; BARROS; DREON, 2021).

Gitman (2018) e Vieira e Batistoti (2015) apontam que o fluxo de caixa permite ao administrador avaliar a consistência entre lucratividade contábil e geração efetiva de caixa, identificar desvios nas políticas financeiras e projetar sobras ou necessidades futuras de recursos. Marques (2008) reforça que a projeção do fluxo de caixa deve ser revisada com frequência – inclusive em bases semanais – para reduzir a incerteza e aproximar as estimativas da realidade operacional das PME.

3. Procedimentos metodológicos

Trata-se de uma revisão narrativa de literatura, com enfoque qualitativo e caráter exploratório (PAPANDREA; MACHADO; SILVA, 2020). Foram analisados artigos científicos,

Ano V, v.2 2025 | submissão: 05/12/2025 | aceito: 07/12/2025 | publicação: 09/12/2025

dissertações e trabalhos de conclusão de curso que abordam gestão e planejamento financeiro em micro, pequenas e médias empresas, com recorte principal na produção brasileira recente.

A seleção considerou, entre outros, estudos de revisão sistemática sobre planejamento financeiro (PAPANDREA; MACHADO; SILVA, 2020), pesquisas empíricas sobre práticas de gestão financeira em MPE (AZEVEDO; LEONE, 2011; OLIVEIRA et al., 2019; PIRES, 2024), trabalhos focados em ferramentas específicas como fluxo de caixa, orçamento e 5W2H financeiro (MARQUES, 2008; BERTOLDO, 2019; LOBATO; SANTOS, 2023; COSTA; CRUZ; ALVES, 2023), além de uma revisão temática sobre gestão financeira em micro e pequenas empresas (TAVARES; SILVA; SILVA, 2023).

O objetivo não foi esgotar o tema, mas sintetizar padrões recorrentes em relação às práticas e desafios do planejamento financeiro em PME e identificar propostas de abordagens simplificadas que possam ser adotadas por empresas com baixa estrutura contábil-financeira.

4. Resultados da revisão e discussão

4.1. Práticas de gestão e planejamento financeiro em PME

A literatura analisada converte um diagnóstico recorrente: parte significativa das PME não dispõe de planejamento financeiro formalizado, operando com controles fragmentados ou exclusivamente baseados em extratos bancários e no saldo de caixa (AZEVEDO; LEONE, 2011; FONSECA et al., 2022; OLIVEIRA et al., 2019).

Em muitos casos, o gerenciamento financeiro é exercido diretamente pelo proprietário, que acumula funções técnicas e administrativas, com baixa utilização de demonstrações contábeis e indicadores como apoio às decisões (MONTEIRO; BARBOSA, 2017; NEVES FILHO, 2022). Catarino, Santos e Silva (2020) mostram ainda que a confusão entre finanças pessoais e empresariais é um obstáculo importante, pois compromete a visão real do desempenho do negócio e amplia a vulnerabilidade a crises de caixa.

Apesar disso, há evidências de que quando ferramentas simples são implementadas, como planilhas de fluxo de caixa, orçamentos mensais e controle de estoques, a qualidade das decisões melhora, com redução de atrasos em pagamentos e maior previsibilidade da capacidade de investimento (BARADEL; MARTINS; OLIVEIRA, 2010; BERTOLDO, 2019; FERREIRA et al., 2015).

4.2. Principais desafios do planejamento financeiro em PME

Os estudos convergem em apontar um conjunto de desafios estruturais para a adoção de planejamento financeiro em pequenas e médias empresas:

1. **Baixa educação financeira e contábil dos gestores:** Empresários frequentemente não dominam conceitos como capital de giro, ciclo financeiro, margem de contribuição e custo de oportunidade,

Ano V, v.2 2025 | **submissão: 05/12/2025** | **aceito: 07/12/2025** | **publicação: 09/12/2025**

o que dificulta a interpretação de relatórios e projeções (LEONE, 2019; FONSECA et al., 2022; ANDREOLLA, 2015).

2. **Restrição de tempo e recursos:** A sobrecarga de funções e o quadro enxuto de pessoal levam o gestor a priorizar tarefas operacionais, relegando o planejamento ao segundo plano, mesmo reconhecendo sua importância (FERNANDES FILHO; SOARES; VASCONCELOS, 2015; SCHUSTER; FRIEDRICH, 2017).
3. **Informalidade nos controles:** Muitos negócios utilizam cadernos, planilhas esporádicas ou registros apenas bancários, sem integração entre vendas, compras, estoques, contas a pagar/receber e demonstrações contábeis (FERRONATO, 2015; PIRES, 2024).
4. **Dificuldade de acesso a sistemas especializados:** Soluções de ERP e softwares de gestão podem ter custo elevado ou complexidade incompatível com a realidade de muitas PME, reforçando a dependência de ferramentas básicas (ANDREOLLA, 2015; NEVES FILHO, 2022).
5. **Risco de liquidez e endividamento:** A ausência de projeções de caixa e de políticas claras de crédito e cobrança aumenta a probabilidade de insuficiência de recursos, necessidade de empréstimos onerosos e inadimplência (PEREIRA et al., 2020; SANTOS; FERREIRA, 2018).

Esses desafios reforçam a necessidade de abordagens graduais, que conciliem a complexidade dos modelos financeiros com a capacidade real de implementação nas PME.

4.3. Contribuições de abordagens simplificadas

Uma linha relevante da literatura propõe modelos simplificados de planejamento financeiro, particularmente adequados para micro e pequenas empresas com baixa estrutura administrativa.

Marques (2008) desenvolve um modelo de fluxo de caixa operacional adaptado às PME, utilizando planilhas eletrônicas e focando em categorias essenciais de entradas e saídas, o que possibilita ao empresário acompanhar a evolução do caixa e simular cenários de curto prazo. Berti (2008) (000653075) mostra, em estudo de caso, que a elaboração de orçamentos de caixa mensais com base na projeção do fluxo de caixa do semestre permite identificar excedentes e necessidades de financiamento, apoiando decisões sobre aplicações e captação de recursos.

Cruz e Andrich (2013), citados por Costa, Cruz e Alves (2023), propõem um modelo básico de fluxo de caixa voltado a microempresas, estruturado em planilha com colunas de entradas e saídas e saldo projetado, enfatizando que mesmo projeções simples, quando monitoradas continuamente, melhoram a compreensão da situação monetária da organização (COSTA; CRUZ; ALVES, 2023).

Mais recentemente, Lobato e Santos (2023) sugerem a utilização da matriz 5W2H como ferramenta de qualidade aplicada ao setor financeiro das PME, permitindo transformar o planejamento financeiro em um plano de ação objetivo – definindo “o que será feito, por quem, quando, onde, por que, como e quanto custará” – e facilitando a implementação de rotinas financeiras mesmo em ambientes com baixa formalização de processos.

Essas abordagens têm em comum:

- foco em simplicidade operacional;
- uso de ferramentas amplamente acessíveis (como Excel ou planilhas gratuitas);
- adaptação de conceitos clássicos de finanças a linguagem e formatos próximos da realidade das

Ano V, v.2 2025 | **submissão: 05/12/2025** | **aceito: 07/12/2025** | **publicação: 09/12/2025**
PME.

Os estudos indicam que, quando tais modelos são incorporados ao cotidiano, há melhora perceptível na organização financeira, maior previsibilidade de caixa, redução de imprevistos e apoio à tomada de decisão sobre investimentos, expansão e renegociação de dívidas (BERTOLDO, 2019; COSTA; CRUZ; ALVES, 2023; TAVARES; SILVA; SILVA, 2023).

5. Proposta sintética de estrutura de planejamento financeiro simplificado

Com base na literatura revisada, pode-se sintetizar uma estrutura mínima de planejamento financeiro adequada à realidade de pequenas e médias empresas, composta por quatro eixos principais:

1. Organização das informações básicas

- Separação clara entre contas pessoais e empresariais (CATARINO; SANTOS; SILVA, 2020; SEBRAE, 2021);
- Registro sistemático de vendas, compras, despesas fixas e variáveis;
- Classificação simples por centros de custo ou linhas de produtos, quando pertinente (BARADEL; MARTINS; OLIVEIRA, 2010).

2. Fluxo de caixa projetado mensal/semanal

- Construção de planilha de fluxo de caixa com saldos iniciais, entradas previstas (vendas à vista, recebimentos de vendas a prazo, outros recebimentos) e saídas previstas (compras, folha, tributos, despesas gerais, serviço da dívida) (MARQUES, 2008; CRUZ; ANDRICH, 2013; BERTOLDO, 2019);
- Revisão periódica, ao menos semanal, para comparar projeções com valores realizados e atualizar premissas (VIEIRA; BATISTOTI, 2015; MARQUES, 2008).

3. Indicadores financeiros essenciais

- Cálculo de liquidez corrente e seca a partir de balanços simples ou planilhas de ativos/passivos de curto prazo;
- Estimativa de margem de contribuição e de um indicador básico de rentabilidade (por exemplo,

Ano V, v.2 2025 | **submissão: 05/12/2025** | **aceito: 07/12/2025** | **publicação: 09/12/2025**

resultado operacional dividido pelo faturamento) (COSTA; CRUZ; ALVES, 2023; FERREIRA et al., 2015);

- Utilização desses indicadores para definir limites de endividamento e metas de resultado.

4. Plano de ação financeiro com 5W2H

- Tradução dos problemas financeiros identificados (atrasos, baixa margem, excesso de estoques, concentrações de vencimentos) em ações concretas por meio de matriz 5W2H (LOBATO; SANTOS, 2023);
- Definição de responsáveis, prazos, recursos necessários e indicadores de acompanhamento para cada ação.

Essa estrutura não exige softwares complexos nem conhecimento avançado de finanças corporativas, mas se apoia em disciplina de registro, revisão periódica e uso de informações para decidir, elementos enfatizados em diferentes estudos como condição para o amadurecimento da gestão financeira nas PME (FERRONATO, 2015; PAPANDREA; MACHADO; SILVA, 2020; TAVARES; SILVA; SILVA, 2023).

6. Considerações finais

O artigo discutiu o planejamento financeiro em pequenas e médias empresas, destacando práticas observadas na literatura, principais desafios e contribuições de abordagens simplificadas. Verificou-se que, embora a importância da gestão financeira seja amplamente reconhecida, a sua efetiva incorporação ao cotidiano das PME ainda encontra barreiras relacionadas à baixa educação financeira, à informalidade dos controles, à restrição de recursos e à forte centralização das decisões no proprietário (LEONE, 2019; FERRONATO, 2015; FREITAS et al., 2022).

A literatura aponta, contudo, que abordagens simplificadas de planejamento financeiro – como planilhas de fluxo de caixa, orçamentos de caixa, indicadores básicos de liquidez e rentabilidade e matrizes 5W2H financeiras – podem gerar ganhos significativos de controle, previsibilidade e racionalidade nas decisões, especialmente quando adaptadas à linguagem e à capacidade operacional dos pequenos empresários (MARQUES, 2008; BERTOLDO, 2019; LOBATO; SANTOS, 2023; COSTA; CRUZ; ALVES, 2023).

Como implicação prática, os resultados sugerem que políticas públicas de apoio às PME, programas de consultoria e ações de capacitação deveriam priorizar a difusão de modelos simples, porém sistemáticos, de planejamento financeiro, funcionando como porta de entrada para práticas



Ano V, v.2 2025 | submissão: 05/12/2025 | aceito: 07/12/2025 | publicação: 09/12/2025

mais sofisticadas de controladoria e finanças corporativas. Para pesquisas futuras, recomenda-se a realização de estudos empíricos que avaliem, de forma longitudinal, os efeitos da adoção dessas abordagens simplificadas sobre indicadores de sobrevivência, crescimento e acesso a crédito nas pequenas e médias empresas.

7. Referências

ADAMONIENE, R.; ANDRIUSCENKA, J. The small and medium-sized enterprises: the aspects of appliance the principles of strategic management. *Economics and Management*, p. 548-555, 2007.

ANDREOLLA, N. Ferramentas de gestão financeira para pequenas e médias empresas. Curitiba: Juruá, 2015.

ANDRICH, E. G. et al. Finanças corporativas: análise de demonstrativos contábeis e de investimentos. São Paulo: Intersaberes, 2014.

AZEVEDO, J. G.; LEONE, R. J. G. Práticas de gestão financeira em micro e pequenas empresas: um estudo descritivo em indústrias de castanha de caju do Estado do Rio Grande do Norte. *Revista Ciências Administrativas*, v. 17, n. 1, p. 55-83, 2011.

BARADEL, E. C.; MARTINS, S.; OLIVEIRA, A. R. Planejamento e controle financeiro: pesquisa-ação em uma microempresa varejista. *Revista de Negócios*, v. 15, n. 4, p. 78-96, 2010.

BARROS, E. C.; DREON, F. R. Análise financeira: enfoque empresarial. Belo Horizonte: Escola de Gestão Aquila, 2021.

BAZZI, S. Elementos estruturais do planejamento financeiro. Curitiba: Intersaberes, 2016.

BERTOLDO, B. C. M. A importância da implantação do planejamento do fluxo de caixa nas empresas de micro e pequeno porte na cidade de Araguari. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal de Uberlândia.

Catarino, G. P. S.; SANTOS, L. R.; SILVA, P. V. J. G. A influência das finanças pessoais na gestão financeira de microempresas cariocas. *REMipe*, 2020.

COSTA, C. G.; CRUZ, H. F.; ALVES, P. T. S. Planejamento financeiro em microempresas: análise de demonstrações e indicadores. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso.

CUNHA, A. S.; SOARES, T. C. Aspectos relevantes do planejamento no crescimento das micro e pequenas empresas (MPE). *Revista da Micro e Pequena Empresa*, v. 4, n. 3, p. 15-39, 2017.

FERNANDES FILHO, O.; SOARES, K. G. R.; VASCONCELOS, F. N. P. Um estudo sobre a importância do planejamento e controle financeiro em uma microempresa de confecções. *Revista Mineira de Contabilidade*, v. 2, n. 46, p. 30-37, 2015.



Ano V, v.2 2025 | submissão: 05/12/2025 | aceito: 07/12/2025 | publicação: 09/12/2025

FERREIRA, C. C. et al. Gestão de capital de giro: contribuição para as micro e pequenas empresas no Brasil. *Revista de Administração Pública*, v. 45, n. 3, p. 863-884, 2015.

FERRONATO, A. J. Gestão contábil-financeira de micro e pequenas empresas: sobrevivência e sustentabilidade. São Paulo: Atlas, 2015.

FONSECA, N. E. S. F. et al. Gestão financeira em micro e pequenas empresas: conceitos básicos de gestão financeira para micro e pequenas empresas de Bom Jesus do Amparo-MG. *Libertas*, v. 12, n. 1, 2022.

FREITAS, D. R. F. et al. Fatores de sucesso e desafios à sobrevivência de micro e pequenas empresas: um estudo na cidade de Ituiutaba-MG. *Revista da Micro e Pequena Empresa*, v. 16, n. 1, p. 82-95, 2022.

GITMAN, L. J. *Princípios de administração financeira*. 10. ed. São Paulo: Addison Wesley, 2018.

LEONE, N. M. C. P. G. As especificidades das pequenas e médias empresas. *Revista de Administração*, v. 34, n. 2, p. 91-94, 2019.

LOBATO, E. D. C.; SANTOS, R. B. Planejamento financeiro: uma proposta de implementação da matriz 5W2H como ferramenta da qualidade no setor financeiro das pequenas e médias empresas. *Revista Foco*, v. 16, n. 6, p. e2121, 2023.

MARQUES, A. V. Planejamento e controle financeiro nas micro e pequenas empresas, visando à continuidade e à sustentabilidade. 2008. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade.

MONTEIRO, J. M.; BARBOSA, J. D. Controladoria empresarial: gestão econômica para as micro e pequenas empresas. *Revista da Micro e Pequena Empresa*, v. 5, n. 2, p. 38-59, 2017.

NEVES FILHO, J. B. O. Gestão financeira para micro e pequenas empresas: análise da aplicação das ferramentas de gestão e seus impactos. 2022.

OLIVEIRA, D. M. et al. A gestão financeira nas micro e pequenas empresas. *Memorial TCC Caderno da Graduação*, v. 5, n. 1, p. 11-54, 2019.

PAPANDREA, P. J.; MACHADO, M. G.; SILVA, V. M. Planejamento financeiro: uma revisão da literatura. *Journal of Open Research*, v. 1, n. 1, p. e5, 2020.

PEREIRA, J. et al. Fatores determinantes para o risco de liquidez em micro e pequenas empresas da cidade de Viçosa-MG. *Revista da Micro e Pequena Empresa*, v. 14, n. 3, p. 73-89, 2020.

PIRES, S. P. Um estudo sobre a gestão financeira em micro e pequenas empresas na Quarta Colônia. *Saber Humano*, 2024.



Ano V, v.2 2025 | submissão: 05/12/2025 | aceito: 07/12/2025 | publicação: 09/12/2025

POURRE, C. B. F. Indicadores de Resultados Finalísticos como Instrumento de Diagnóstico do Transporte Urbano: Um Estudo de Caso do Distrito Federal. 2020. 167 f., il. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

RODRIGUES, J. P. L.; MELO, M. A.; LEONE, R. J. G. Gestão financeira em micro e pequenas empresas: um estudo no setor supermercadista de Mossoró-RN. *Connexio*, v. 5, n. 1, p. 125-140, 2015.

SANTOS, L. M. D.; FERREIRA, M. A. M. Investigação dos fatores condicionantes do capital de giro em micro e pequenas empresas: uma abordagem por grupos estratégicos. *Revista de Negócios*, v. 13, n. 3, p. 51-66, 2018.

SANTOS, P. V. S.; LIMA, N. V. M. Fatores de impacto para sobrevivência de micro e pequenas empresas. *Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo*, v. 3, n. 5, p. 54-77, 2018.

SEBRAE. DataSebrae Indicadores – Total de Empresas. Brasília: SEBRAE, 2021.

TAVARES, A. H. C.; SILVA, A. M.; SILVA, D. P. S. Gestão financeira de micro e pequenas empresas: revisão de literatura. 2023.

VIEIRA, E. T. V.; BATISTOTI, J. V. C. A demonstração do fluxo de caixa como instrumento de gerenciamento e controle financeiro para as micro e pequenas empresas. *Revista de Micro e Pequenas Empresas e Empreendedorismo da Fatec*, v. 1, n. 2, p. 186-205, 2015.